

# William Carlos Williams – 0 duro cerne da beleza

O mais esplêndido não é  
a beleza, por profunda que seja,  
mas a clássica tentativa  
de beleza,  
em meio ao charco: a  
estrada interrompida, abandonada  
quando a nova ponte finalmente entrou em uso.  
Ali, de ambos os lados de uma entrada  
cuja tinta, crestada pelo sol,  
começa a descascar –  
dois vasos de gerânios.  
Pois entre: em uma das paredes,  
pintadas numa placa ornamental,  
romãs maduras.  
– e, ao sair, repare lá  
embaixo na estrada – numa unha,  
numa unha de polegar se poderia esboçá-lo –  
degraus de pedra subindo  
pela fachada toda até, no  
primeiro andar, um  
minúsculo  
pórtico  
em bico como o palato  
de uma criança! Deus nos dê de novo  
igual intrepidez.  
Há tufos  
de roseiras dos dois lados  
dessa entrada e ameixeiras  
(uma seca) circundadas  
na base por carcaças  
de pneus velhos! sem outro propósito  
senão a glória da Divindade

a qual fez aparecerem  
ambos os seus ombros, sustentando  
o enlameado lourejar  
de suas tranças, acima  
das ondas pacientes.  
E nós? o vasto mundo inteiro abandonado  
sem nenhuma razão, intacto,  
o mundo perdido da simetria  
e da graça: sacos de carvão  
jeitosamente empilhados sob  
o telheiro dos fundos, o  
fosso bem atrás um passadiço  
por entre a lama,  
triunfante! ao prazer,  
prazer; prazer de barco,  
retirada vereda de um domingo  
até o livre rio.

**William Carlos Williams, Poemas**